

Promoção da vacinação contra o HPV em escolas públicas: um relato de experiência em extensão universitária

Promotion of HPV vaccination in public schools: a university extension experience report



Késsio Johnes da Silva Linhares¹, Mirna de Souza Coelho², Cecília Campos Ribeiro³, Jonilson Berlink Lima⁴

RESUMO

O papilomavírus humano (HPV) é uma infecção sexualmente transmissível de alta prevalência, associada ao desenvolvimento de câncer, especialmente do colo do útero. Apesar das campanhas nacionais, a cobertura vacinal permanece abaixo do ideal. Este trabalho descreve como ações de educação em saúde, por meio da extensão universitária, podem colaborar para a conscientização sobre a importância da vacinação. Trata-se de um relato de experiência com abordagem crítica e reflexiva, baseado na proposta de sistematização de Holliday. Foram realizados 20 encontros, com duração de uma hora, divididos em três momentos: chuva de ideias, exposição dialogada e discussão. Participaram 1.282 crianças e adolescentes, além de 46 profissionais da educação. Observou-se grande interesse e participação dos estudantes e profissionais da educação. Assim, a extensão universitária mostrou-se uma ferramenta promissora para a promoção da saúde, construção de conhecimentos e formação de multiplicadores.

Palavras chave: Papilomavírus humano; Imunização; Extensão Universitária; Educação em Saúde.

ABSTRACT

Human papillomavirus (HPV) is a highly prevalent sexually transmitted infection associated with the development of cancer, especially cervical cancer. Despite national campaigns, vaccination coverage remains below the ideal level. This work describes how health education initiatives, carried out through university outreach programs, can contribute to raising awareness about the importance of vaccination. This is an experience report with a critical and reflective approach, based on Holliday's systematization proposal. A total of 20 one-hour sessions were conducted, divided into three stages: brainstorming, dialogued presentation, and discussion. A total of 1,282 children and adolescents participated, in addition to 46 education professionals. High levels of interest and engagement were observed among students and educators. Thus, university outreach proved to be a promising tool for health promotion, knowledge development, and the training of multipliers.

Keywords: Human Papillomavirus. Immunization. University Extension. Health Education.

1 Graduando em Medicina. Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Barreiras, Bahia, Brasil. E-mail: kessio.l1351@ufob.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5640-1116>

2 Graduanda em Medicina. Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Barreiras, Bahia, Brasil. E-mail: mirna.c5102@ufob.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-1910-7417>

3 Graduanda em Ciências Biológicas. Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Barreiras, Bahia, Brasil. E-mail: cecillia.r6629@ufob.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-0577-7736>

4 Doutor em Imunologia Básica e Aplicada. Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Barreiras, Bahia, Brasil. E-mail: jonilson.lima@ufob.edu.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1403-4768>

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, marcada por intensas mudanças físicas, psicológicas e sociais, incluindo a descoberta da sexualidade, muitas vezes sem informações adequadas sobre os riscos de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) (Freitas, 2017). Essas infecções são causadas por patógenos transmitidos, principalmente, por contato sexual desprotegido (Brasil, 2022). Entre elas, destaca-se o papilomavírus humano (HPV), considerado a IST de maior incidência mundial, com cerca de 600 milhões de infectados e 80% da população sexualmente ativa já exposta ao vírus (Cardial *et al.*, 2017).

O HPV infecta células epiteliais e pode causar desde verrugas comuns até câncer. Entre os mais de 100 tipos identificados, alguns são de alto risco, como o HPV16, presente em mais de 99% dos casos de câncer de colo do útero (Doorbar, 2006). A maioria desses cânceres poderia ser evitada com prevenção primária, via imunização, e secundária, com exames como o Papanicolau e o co-teste (Araújo, 2022). As vacinas disponíveis são altamente imunogênicas e oferecem proteção contra neoplasias associadas aos tipos vacinais (Cardial *et al.*, 2017).

Em 2014, o Ministério da Saúde incluiu a vacina contra o HPV no Programa Nacional de Imunizações (PNI), com meta de cobertura de 80% entre meninas de 11 a 13 anos (Zanini *et al.*, 2017). A primeira dose foi amplamente aplicada em escolas e postos de saúde, enquanto a segunda apresentou menor alcance, com cobertura variando entre 7% e 79,9%, a depender de fatores socioeconômicos e regionais (Moura *et al.*, 2021). Apesar das campanhas governamentais, a cobertura vacinal permanece aquém do ideal. Diante disso, ações de extensão universitária se destacam como estratégia eficaz, articulando ciência e comunidade para promoção da saúde (Lavor *et al.*, 2023).

Nessas ações, torna-se essencial considerar o perfil do público-alvo, aspecto ressaltado por Ribeiro *et al.* (2022), ao apontar desafios no desenvolvimento de atividades educativas com adolescentes. Nesse contexto, construir ações de educação em saúde sobre a proteção vacinal contra o HPV revela potencialidades e desafios. A extensão universitária, segundo os mesmos autores, é um caminho promissor para o fortalecimento da promoção em saúde, contribuindo para o desenvolvimento de competências e habilidades que permitem aos profissionais oferecer um cuidado integral, considerando as dimensões biológicas, psicológicas, sociais, culturais e éticas da vida humana.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de um relato de experiência com abordagem crítica e reflexiva, baseado na sistematização de Holliday (2006), dividida em cinco etapas: 1) participação e registro da experiência; 2) definição do objetivo, objeto e eixo da experiência; 3) recuperação da história, ordenamento e classificação das informações; 4) análise, síntese e interpretação crítica; e 5) formulação de conclusões e comunicação da aprendizagem.

O projeto ocorreu entre novembro de 2023 e novembro de 2024, em quatro escolas de ensino fundamental, uma de ensino médio e um centro educacional localizados em um município do Oeste da Bahia. Participaram três estudantes de graduação dos cursos de Ciências Biológicas e Medicina, sob orientação de um docente. A proposta surgiu a partir da identificação da baixa cobertura vacinal contra o HPV no estado e da ausência de dados locais, além do reconhecimento da importância da educação em saúde na prevenção de doenças infectocontagiosas. O objetivo foi promover espaços de diálogo sobre saúde sexual nas comunidades escolares, sistematizando as ações com base nas vivências e reflexões do grupo.

Inicialmente, foram realizadas reuniões internas para aprofundar o conhecimento sobre o tema central, “Conhecimento e sensibilização sobre a importância da vacinação contra o HPV”. Em seguida, os integrantes elaboraram materiais como slides, cartilhas, plaquinhas de mitos e verdades, folders e posts para redes sociais. Após essa etapa, iniciou-se o contato com escolas e unidades de saúde, priorizando instituições localizadas em regiões periféricas e com autorização dos gestores. As ações foram divididas em dois momentos: apresentação do projeto às equipes gestoras e realização das atividades com o público-alvo; crianças e adolescentes.

Cada encontro teve duração de uma hora e foi dividido em três etapas: chuva de ideias com os estudantes; exposição dialogada com uso de materiais educativos e discussão de mitos e verdades; e, por fim, espaço aberto para dúvidas e contribuições. Participaram dirigentes, coordenadores, professores, cuidadores e estudantes de 9 a 17 anos.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Foram realizadas seis apresentações para os dirigentes e vinte encontros com estudantes, totalizando 1.328 participantes, dos quais 1.282 eram estudantes, 41 professores e 5 cuidadores. As ações com os estudantes tiveram duração máxima de uma hora, enquanto as realizadas com os dirigentes duraram até 40 minutos. Deste modo,

para facilitar a compreensão das atividades, dividimos o relato em três partes: primeiro, a experiência com o corpo docente e a coordenação; em seguida, as experiências no ensino fundamental; e, por fim, no ensino médio e no centro juvenil.

Experiências com o corpo docente e a coordenação

Para a realização das atividades do projeto no âmbito educacional, foi necessária a apresentação do conteúdo à equipe de educadores responsável por cada comunidade escolar. Observou-se alta receptividade por parte dos dirigentes, pois todas as escolas aceitaram conhecer o projeto e permitir sua posterior execução. Além disso, a maioria dos dirigentes, coordenadores e professores compartilhou ideias de programas e projetos de extensão para suas unidades, como ações relacionadas à higiene pessoal e comunitária, a sexo e sexualidade, a alimentação saudável e ao incentivo à prática de atividades físicas.

Em continuidade às ações iniciais, considerando que as informações eram direcionadas a um público adulto, os extensionistas não utilizaram slides, preferindo conduzir a discussão sobre o HPV, suas possíveis complicações, o papel fundamental da escola no estímulo à vacinação, além de apresentar os materiais educativos que seriam utilizados e explicar a dinâmica das ações. Com o alinhamento estabelecido junto aos educadores, as atividades puderam ser iniciadas com o público-alvo primário, as crianças e adolescentes, focando inicialmente no ensino fundamental.

Experiências no ensino fundamental

No que se refere ao primeiro contato com os estudantes, eram realizadas chuvas de ideias sobre o HPV, a partir da seguinte questão disparadora: “O que vocês sabem sobre o HPV? Qualquer coisa que já tenham ouvido falar.” Os estudantes traziam seus conhecimentos sobre a temática, garantindo um contato inicial mais dinâmico com os extensionistas e resgatando saberes populares, conforme explicitado no Quadro 1.

Quadro 1 - Chuva de ideias sobre o HPV

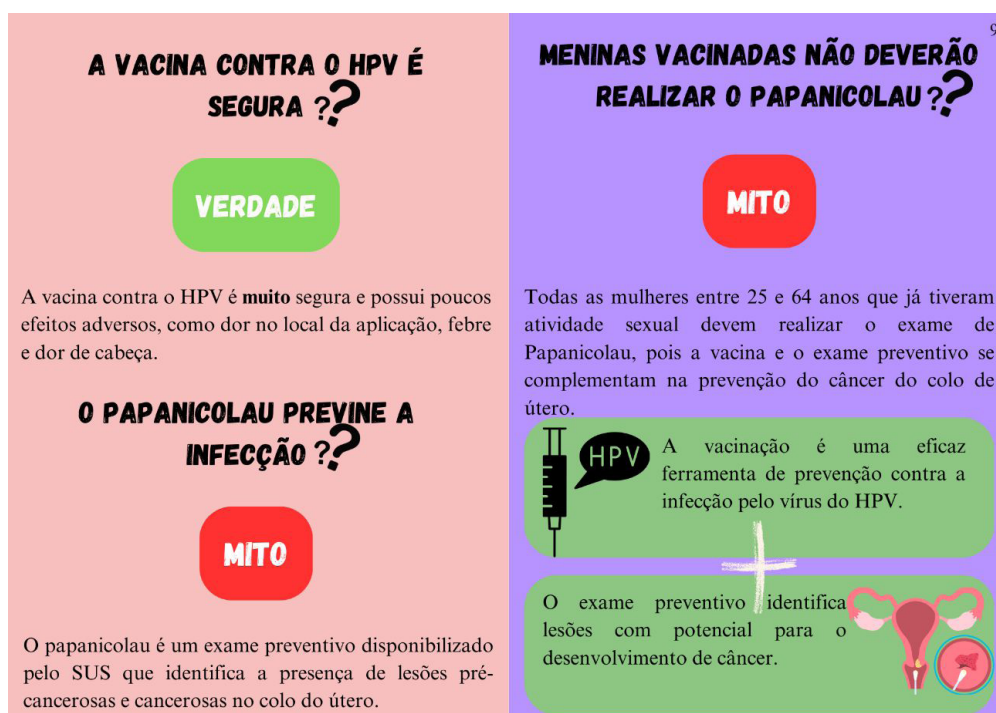
Conhecimentos compartilhados	Condução
É um vírus	o que é um vírus? o que ele pode causar?
Tem vacina	Já se vacinaram? quantas vezes?
É uma doença	O que ela causa?
Causa verruga no dedo	Já teve ou conhece alguém que teve? onde foi?

Fonte: O autor (2024).

Os conhecimentos compartilhados pelos participantes foram utilizados como fio condutor da atividade; nesse momento, realizavam-se correções ou explicações, considerando o conhecimento prévio para conduzir a atividade. Por exemplo, ao afirmarem que o HPV é um vírus, questionávamos: “Mas o que é um vírus?”, “O que eles podem causar?”, promovendo a interação sem o medo de “errar”. Dessa forma, os estudantes se mostraram mais atentos e participativos durante toda a atividade.

Após essa etapa inicial, ocorria a explanação dos conceitos sobre o HPV e a vacinação, com auxílio de slides. Para dinamizar a atividade e facilitar a fixação do conteúdo, durante a apresentação eram discutidos mitos e verdades retirados do material “Cartilha educativa de mitos e verdades sobre o HPV”, produzido pela própria equipe extensionista. A Figura 1 mostra um exemplo da cartilha educativa.

Figura 1 - Cartilha educativa de mitos e verdades sobre o HPV



Fonte: O autor (2024).

A apresentação foi organizada com os seguintes tópicos: “O que é HPV?”, “Conceitos sobre o HPV”, “Classificação”, “Transmissão”, “Fisiopatologia”, “Sinais e sintomas”, “Catálogo de imagens”, “Exame preventivo”, “Câncer do colo de útero”, “Tratamento” e “Prevenção”, além dos mitos e verdades. Esse momento da apresentação foi pensado para ser breve, de modo que os estudantes compreendessem a importância da vacinação sem se prenderem a termos técnicos, por isso o conteúdo foi simplificado e enriquecido com muitas ilustrações para garantir melhor aprendizado.

Além de favorecer a interação, os mitos e verdades possibilitaram que os estudantes refletissem e debatessem para chegar a consensos. O Quadro 2 mostra as questões, seus objetivos e a avaliação da equipe quanto ao desempenho, classificado como satisfatório, moderado ou regular, baseado nas experiências.

Quadro 2 - Mitos e verdades, objetivo e avaliação

Questão	Objetivo	Avaliação
O HPV infecta somente a pele	Conhecer as regiões infectadas pelo HPV	Satisfatório
O HPV pode ser transmitido por objetos compartilhados	Entender as formas de transmissão	Satisfatório
Posso ter HPV e não saber	Reconhecer sinais, sintomas e fisiopatologia	Satisfatório
HPV está ligado ao câncer de colo do útero	Compreender riscos e importância para a saúde	Satisfatório
O HPV causa câncer só em mulheres?	Esclarecer que afeta todos e a importância da prevenção	Moderado
Vacina é o melhor método preventivo contra o HPV	Entender que vacina é o único método eficaz	Satisfatório

Fonte: O autor (2024).

Dentre as questões, a única avaliada como moderada foi a que afirmava que apenas mulheres poderiam ter câncer devido ao HPV. Isso evidencia a importância da educação em saúde na prevenção de doenças e agravos: quando a comunidade estudantil compreende os impactos do HPV no organismo humano, entende também a importância da prevenção para todos.

No que diz respeito à linguagem, destaca-se que, durante a apresentação, os extensionistas enfrentaram dificuldades de adequação, especialmente na explicação do que é o HPV e suas formas de transmissão. Isso porque, para que a importância da vacinação seja compreendida, é imprescindível o entendimento das particularidades do vírus. No entanto, a própria chuva de ideias contribuiu para identificar termos populares e estruturar correlações que facilitassem o entendimento dos estudantes.

Finalizada a exposição dialogada, o segundo momento da atividade era dedicado a dúvidas e contribuições, que na maioria das vezes vinham dos estudantes. Contudo, notou-se também o interesse dos professores, que questionavam principalmente sobre a eficácia da vacina após a faixa etária preconizada pelo Ministério da Saúde. No Quadro 3, apresentamos as principais dúvidas levantadas pelos estudantes, em ordem de frequência.

Quadro 3 - Principais questionamentos dos estudantes

Homens também podem ter câncer por HPV?
O HPV passa da mãe para o filho?
Tenho uma verruga no dedo, vai virar câncer?
A vacina é de graça?
Tomei uma dose da vacina, posso completar com a nova vacina de dose única?

Fonte: O autor (2024).

Observou-se que, mesmo após a explicação de que homens também podem desenvolver câncer causado pelo HPV, essa pergunta era recorrente. Isso sugere um imaginário coletivo que associa o HPV exclusivamente ao câncer de colo do útero, possivelmente devido à maior divulgação dessa problemática em relação aos outros tipos de câncer associados ao vírus.

Outro questionamento frequente foi se o HPV é hereditário. Notou-se que, muitas vezes, os estudantes confundiam HPV com HIV. Dessa forma, além de esclarecer as formas de transmissão do HPV, muitas vezes também abordávamos questões relacionadas ao HIV.

O terceiro questionamento mais comum referia-se à possibilidade de verrugas simples nos dedos se tornarem câncer. Em vez de responder diretamente, os extensionistas conduziam os estudantes à resposta, dizendo: “Falamos que existe o HPV da pele comum e o de mucosa, que está relacionado aos cânceres de colo, pênis, reto e orofaringe. Então, o HPV do dedo vai se transformar em câncer?” Dessa forma, os estudantes debatiam e concluíam a diferença entre os tipos de HPV e como o local da lesão impacta o prognóstico da infecção.

Os dois últimos questionamentos eram sobre a vacina: um referente à gratuidade e outro ao número de doses. Apesar de o público-alvo das ações ser composto por estudantes na faixa etária preconizada pelo Ministério da Saúde (9 a 14 anos), ocasionalmente participavam estudantes fora dessa faixa, motivo pelo qual a questão da gratuidade era levantada.

Entretanto, a resposta a essa dúvida mudou após a Nota Técnica nº 41, de abril de 2024, do Ministério da Saúde, que ampliou a vacinação para menores de 20 anos e alterou o esquema de duas doses para uma dose única. Por isso, surgiam questionamentos sobre a necessidade de completar o esquema com a “vacina nova”, já que os estudantes não tinham pleno entendimento da nova recomendação, pouco divulgada até então. Assim, a presença contínua do grupo de extensão nas comunidades escolares mostrou-se fundamental. Em seguida, as intervenções foram direcionadas aos estudantes de faixas etárias mais elevadas.

Experiências no ensino médio e Centro Juvenil

As ações foram realizadas de forma muito semelhante às do ensino fundamental, sendo que as principais diferenças estão relacionadas a uma maior facilidade dos estudantes em compreender termos mais elaborados dentro das ciências biológicas e da saúde. Além disso, surgiram dúvidas específicas ligadas à sexualidade. Por exemplo, os principais questionamentos nesse grupo escolar referiam-se às formas de transmissão, como: “Sexo oral entre meninas transmite?”, “Sexo anal pode causar câncer?”, “Camisinha protege?”, demonstrando interesse e receio em relação às práticas sexuais, o que é comum nessa faixa etária.

No Centro Juvenil observou-se uma menor participação dos estudantes, não sendo registradas dúvidas durante a apresentação. Contudo, o nível de aproveitamento da ação foi considerável, visto que, durante a dinâmica de mitos e verdades, a participação foi ativa e o índice de acertos foi maior, demonstrando que, mesmo sem se manifestarem durante a explanação, os estudantes conseguiram compreender os conceitos e refletir sobre eles.

Acreditamos que a menor participação durante a explanação ocorreu devido à falta de reflexão dos extensionistas sobre a adequação da atividade para esse espaço. Levamos a mesma apresentação e as mesmas dinâmicas usadas em outras comunidades estudantis, porém o Centro Juvenil possui suas particularidades. Uma das gestoras, após ouvirmos sobre a baixa participação, sugeriu a realização de mais visitas e a instalação de uma caixa de perguntas com anonimato, visando, no primeiro caso, ampliar o vínculo dos extensionistas com os estudantes e, no segundo, permitir que eles se sintam mais à vontade para colocar suas dúvidas.

DISCUSSÃO

A educação é imprescindível para a concretização do desenvolvimento socioeconômico, tanto individual quanto coletivo (Lins *et al.*, 2014). Nesse contexto, o ensino superior assume papel de destaque na formação cidadã, promovendo sentimentos de empatia e comprometimento na busca por uma sociedade mais justa e igualitária. Quando se trata da educação em saúde, o compartilhamento de conhecimentos médicos implica na articulação entre teoria e prática, estimulando a humanização dos estudantes e a autonomia do público-alvo das ações (Ponte *et al.*, 2009).

A partir da década de 1980, com a ascensão do conceito de universidade enquanto

instrumento de transformação social, a extensão universitária passou a ser reconhecida como ferramenta imprescindível para essa mudança, funcionando como elo entre a universidade e a sociedade (Pires, 2020). Essa atividade estimula a aquisição de novos conhecimentos e o aprimoramento de saberes acadêmicos mais elaborados, além de promover a afetividade e a construção de vínculos. Dessa forma, a extensão interfere ativamente no combate às desigualdades e à exclusão social, contribuindo tanto para a formação do aluno quanto para o desenvolvimento regional (Lacerda, 2016). Ou seja, além de democratizar o acesso a informações técnico-científicas, a extensão possibilita o reconhecimento da complexidade e das particularidades da comunidade por meio da troca de saberes (Morin, 2011).

Inferese, portanto, que para alcançar a formação de indivíduos mais autônomos, empoderados e com melhor qualidade de vida, discutir temas relacionados à saúde no âmbito escolar por meio de projetos de extensão universitária revela-se uma estratégia eficaz e com resultados positivos, como apontado por Trindade *et al.* (2023), que em seu trabalho concluiu que a educação por meio da extensão universitária desempenha um papel importante na formação de hábitos de vida saudáveis, formando uma base sólida para toda a vida na manutenção da saúde. O grupo de extensionistas, ao divulgar informações sobre o HPV e a importância da vacinação, observou grande curiosidade, participação e preocupação entre crianças e adolescentes, os quais indicaram a intenção de compartilhar as informações com seus responsáveis.

Considerando o atual contexto de acesso livre a uma grande quantidade de informações, é fundamental que a escola construa com os alunos o conhecimento sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e saúde reprodutiva, assuntos reconhecidos como uma urgência social no ensino fundamental e médio (Martins *et al.*, 2006; Brêtas *et al.*, 2009).

Em nossa experiência, a extensão universitária como ferramenta de educação em saúde contribuiu para o desenvolvimento de habilidades nos extensionistas, tais como autonomia, proatividade, escuta ativa, reflexão crítica, noções de saúde em espaços educacionais e interação dialógica, entendida como o diálogo entre universitários e setores sociais para a troca de saberes. Essas vivências são essenciais para a formação de profissionais da saúde e áreas afins, pois fortalecem a tríade ensino-prática-pesquisa, permitindo que os extensionistas adquiram e produzam novos conhecimentos por meio de suas ações (Santana *et al.*, 2021; Costa; Kreling; Araujo, 2020).

Ademais, ressalta-se a importância da discussão e construção coletiva, junto aos alunos, de conhecimentos acerca das IST e saúde reprodutiva, especialmente em escolas públicas localizadas em comunidades periféricas, promovendo um ensino que garanta maior equidade no acesso às informações (Martins *et al.*, 2006; Brêtas *et al.*, 2009). Um exemplo de efetividade dessa prática foi o projeto “A escola dentro da universidade”, desenvolvido pelo Núcleo de Estudo e Pesquisa em Embriologia (NEPE), que buscou democratizar o acesso a informações sobre saúde, discutir conceitos importantes relativos às IST e prevenir a gravidez na adolescência em escolas de ensino médio. Por meio dessas atividades, além da identificação de vulnerabilidades do público, consolidaram-se informações relevantes que influenciam positivamente a saúde dos adolescentes (Lins *et al.*, 2014).

Além disso, no desenvolvimento das ações, observou-se que, ao abordarem o HPV, os estudantes frequentemente buscavam sanar dúvidas relacionadas a outras IST, principalmente sobre a transmissão vertical do HIV e de outras infecções.

O contato com as comunidades escolares, a troca de saberes e a vivência no âmbito educacional demonstraram que as ações de extensão em saúde possuem capacidade integradora, combinando conhecimentos científicos e saberes populares. Essa interação dialógica permite a construção de conhecimentos significativos e fortalece as práticas de educação em saúde como base para a prevenção de agravos, corroborando os resultados de Costa (2015), que destacou a importância da extensão universitária em saúde na disseminação e integração do conhecimento, no estímulo à reflexão crítica e no fortalecimento do cuidado integral.

Além disso, as ações contribuíram para o cumprimento do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) número 3, que visa garantir o acesso à saúde e promover qualidade de vida para todos, com foco em metas relacionadas a doenças transmissíveis, saúde sexual e reprodutiva, informação e educação, apoio e incentivo à cobertura vacinal (Organização das Nações Unidas [ONU], 2023).

A educação em saúde tem por finalidade estimular práticas que ensinem as comunidades a promover a saúde. Nesse sentido, as discussões sobre HPV e vacinação auxiliaram a comunidade escolar, especialmente os estudantes, a identificar a importância da imunização para o cuidado individual e coletivo. Muitas vezes, essas discussões ultrapassam o tema central, abrindo espaço para outras abordagens relevantes em saúde como destacado por Santana *et al.* (2021).

A extensão universitária em saúde demonstra relevância social ao gerar conhecimentos populares, estimular a autonomia das pessoas e incentivar a busca por melhor qualidade de vida. Além disso, frente ao crescimento dos movimentos antivacinas e da disseminação de informações distorcidas e falsas nos últimos anos, destaca-se o papel da extensão no fortalecimento da vacinação contra o HPV e outras doenças (Beltrão *et al.*, 2020).

Assim, embora algumas ações desenvolvidas pelos extensionistas acerca do HPV e da vacinação não tenham obtido grande participação dos discentes, especialmente no centro juvenil, pode-se afirmar que o projeto foi relevante e alcançou os objetivos inicialmente propostos. Para futuras atividades, recomenda-se o desenvolvimento de dinâmicas específicas que atendam às particularidades de cada público, a fim de promover maior interação e, consequentemente, maior efetividade nas ações.

Além disso, por se tratar de um relato de experiência realizado em um único município, com amostragem intencional e sem avaliação quantitativa formal, os resultados não podem ser generalizados para outras realidades. O impacto das ações foi avaliado de forma qualitativa e subjetiva, o que pode gerar viés de interpretação. Tais limitações não invalidam os achados, mas devem ser consideradas ao se interpretar os resultados e ao replicar experiências semelhantes em outros contextos.

CONCLUSÃO

A colaboração entre escolas, universidades e programas de saúde fortaleceu as ações de educação em saúde. A inclusão de temas relacionados à saúde sexual e à vacinação nas comunidades escolares promoveu um ambiente mais aberto para a discussão da importância da prevenção, aumentando a conscientização sobre o HPV.

Desta forma, a experiência mostrou que a extensão universitária é uma ferramenta promissora para educação em saúde. Para facilitar a replicação desta prática em outros contextos institucionais, recomenda-se que os projetos contemplem a adaptação contínua do conteúdo às especificidades etárias e culturais do público-alvo, bem como o uso de canais de comunicação anônima para lidar com dúvidas sensíveis relacionadas à sexualidade. Além disso, é crucial programar retornos periódicos e formalizar parcerias de longo prazo com as escolas, visando à sustentabilidade das intervenções e à formação contínua de multiplicadores. Tais estratégias fortalecem a sustentabilidade das intervenções e a construção coletiva do conhecimento na comunidade.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB pelo apoio através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão - PIBIX vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Cultura - PROEC, ao Programa de Extensão da Educação Superior na Pós-Graduação (PROEXT-PG) – CAPES, ao coordenador do projeto, aos dirigentes das instituições de ensino que abraçaram o projeto e a toda comunidade que participou e possibilitou a realização das ações.

REFERÊNCIAS

- BELTRÃO, R. P. L.; MOUTA, A. A. N.; SILVA, N. S.; OLIVEIRA, J. E. N.; BELTRÃO, I. T.; BELTRÃO, C. M. F.; FONTENELE, S. M.; SILVA, A. C. B. Perigo do movimento antivacina: análise epidemio-literária do movimento antivacinação no Brasil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 6, p. 1–8, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.25248/reas.e3088.2020>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- BRÊTAS, J. R. da S.; OHARA, C. V. da S.; JARDIM, D. P.; MUROYA, R. de L. M. Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. **Revista de Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 551-557, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000300008>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Prevenção**. Brasília: Ministério da Saúde, 25 abr. 2022. Atualizado em 25 jan. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/ist/prevencao>. Acesso em: 18 jun. 2025.
- CARDIAL, M. F.; ROTELI-MARTINS, C. M.; NAUD, P.; FRIDMAN, F. Z. Papilomavírus humano (HPV). In: **PROGRAMA VACINAL PARA MULHERES**. São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia, 2017. Cap. 4, p. 26-39. (Série Orientações e Recomendações Febrasgo; nº 13/Comissão Nacional Especializada de Vacinas). Disponível em: <https://www.febrasgo.org.br/media/k2/attachments/Serie-Programa-Vacinal-das-Mulheres-2021-web.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2025.
- COSTA, D. V. da S.; PONTES, L. R. S.; ALMEIDA, T. G. de; BEZERRA, I. M. P.; SANTOS, E. A. dos; MELO, F. M. de; MARTINS, M. C. S. Extensão universitária na promoção da saúde infantil: analisando estratégias educativas. **Revista Ciência em Extensão**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 25–31, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.23901/1679-4605.2015v11n1p25-31>. Acesso em: 08 jun. 2025.
- COSTA, E. D.; KRELING, M. C. G.; ARAÚJO, N. M. Contribuições de um projeto de extensão para a formação profissional de alunos dos cursos de enfermagem e medicina. **Extensão em Foco**, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, n. 21, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5380/ef.v0i21.68267>. Acesso em: 17 jun. 2025.

DOORBAR, J. Molecular biology of human papillomavirus infection and cervical cancer. **Clinical Science**, [s.l.], v. 110, n. 5, p. 525–541, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1042/CS20050369>. Acesso em: 20 dez. 2024.

FERNANDES, M. C.; SILVA, L. M. S. da; MACHADO, A. L. G.; MOREIRA, T. M. M. Universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. **Educação em Revista**, v. 28, n. 4, p. 169–194, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982012000400007>. Acesso em: 16 fev. 2025.

FREITAS, N. O.; CARVALHO, K. E. G.; ARAÚJO, E. C. Estratégia de Educação em Saúde para um grupo de adolescentes do Recife. **Revista Adolescência e Saúde**, v. 14, n. 1, p. 29-36, 2017.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2006. Disponível em: <http://www.edpopsus.epsjv.fiocruz.br/documentos/para-sistematizar-experiencias>. Acesso em: 12 nov. 2024.

LACERDA, W. P. de. Extensão Universitária e o Desenvolvimento Regional: Um Estudo Sobre a Região do Médio Paraíba Fluminense. 2016. **Dissertação** (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unitau.br/jspui/handle/20.500.11874/6948>. Acesso em: 08 jan. 2025.

LAVOR, F. I. G.; CLEMENTINO, T. H. S.; LIMA, M. A. C.; LIMA, A. M.; LACERDA, R. R. A.; BELCHIOR, S. M. S. Extensão universitária: conceituação, fundamentos e implementação. **Journal of Multidisciplinary Sustainability and Innovation**, Iguatu, v. 1, n. 1, p. 5–11, 2023. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/jmsi/article/view/839>. Acesso em: 18 jun. 2025.

LINS, L.; OLIVEIRA, M. M. V.; CATTONY, A. C. E.; BATISTA, C. R.; SCHMITZ, P. D.; PEIXOTO, A. L.; CARACAS, T. L. Extensão universitária e inclusão social de estudantes do ensino médio público. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 679–694, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sip00003>. Acesso em: 18 jun. 2025.

MARTINS, L. B. M.; COSTA-PAIVA, L. H. S.; OSIS, M. J. D.; DE SOUSA, M. H.; PINTO-NETO, A. M.; TADINI, V. Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 315-323, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000200009>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva; Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011. Disponível em: https://cepedgarmorin.com/wp-content/uploads/2022/04/Sete_Saberes_EdgarMorin.pdf. Acesso em: 16 fev. 2025.

MOURA, L. de L.; CODEÇO, C. T.; LUZ, P. M. Cobertura da vacina papilomavírus humano (HPV) no Brasil: heterogeneidade espacial e entre coortes etárias. **Revista**

Brasileira de Epidemiologia, v. 24, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720210001>. Acesso em: 16 nov. 2024.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 16 fev. 2025.

PIRES, da S. W. Extensão Universitária: um conceito em construção. **Revista Extensão & Sociedade**, v. 11, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.21680/2178-6054.2020v11n2ID22491>. Acesso em: 22 fev. 2025.

PONTE, C. I. R. V.; TORRES, M. A. R.; MACHADO, C. L. B.; MANFRÓI, W. C. A extensão universitária na Famed/UFRGS: cenário de formação profissional. **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 4, p. 527-534, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022009000400003>. Acesso em: 06 fev. 2025.

RIBEIRO, A. C.; IANZER, F. R. M.; POLLETTI, G. C.; DOS SANTOS, É. E. P.; RIBEIRO PRIMEIRA, M.; SEVERO MACIEL, V. de Q.; KASPARY BOFF, N.; SENHEM, G. D. A. Ações de extensão com adolescentes escolares: experiência de graduandos em Enfermagem. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 35, p. 6, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5020/18061230.2022.12512>. Acesso em: 17 jun. 2025.

SANTANA, R. R.; SANTANA, C. C. A. P.; COSTA NETO, S. B.; OLIVEIRA, Ê. C. Extensão universitária como prática educativa na promoção da saúde. **Educação & Realidade**, v. 46, n. 2, p. 1–17, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-623698702>. Acesso em: 16 fev. 2025

TRINDADE, B. H. A.; PAIVA, E. F. G.; SOUZA, L. C.; BATISTA, D. S.; ÁVILA, J. C. C.; MARTINS, P. A.; GONÇALVES, M. E. A.; ALVIM, A. L. S. Ensinando higienização das mãos para crianças em uma escola municipal de Juiz de Fora: relato de experiência. **Extensão em Foco**, n. 32, p. 146–161, 2024. DOI: <https://doi.org/10.5380/ef.v0i32.91548>. Acesso em: 02 jun. 2025.

ZANINI, N. V.; PRADO, B. S.; HENDGES, R. C.; DOS SANTOS, C. A.; CALLEGARI, F. V. R.; BERNUCI, M. P. Motivos para recusa da vacina contra o Papilomavírus Humano entre adolescentes de 11 a 14 anos no município de Maringá-PR. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, v. 12, n. 39, p. 1–13, 2017. DOI: 10.5712/rbmfc12(39)1253. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/1253>. Acesso em: 17 jun. 2025.

Recebido em: 30/06/2025

Aceito em: 15/12/2025